

A NEGOCIAÇÃO DE SENTIDO NA INTERAÇÃO: UMA ANÁLISE DA RODA DE CONVERSA

Gil Negreiros¹
Amanda Kohlrausch Frantz²

Resumo: Pensando nas diversidades linguísticas entre os idiomas português e espanhol e visando à internacionalização da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (CEPESLI) elaborou um projeto chamado “Rodas de conversa”. Esse projeto se subdividia em três partes, sendo uma delas voltada ao trabalho com Português Língua Estrangeira (PLE). O PLE tinha por intuito promover conversas mediadas entre estudantes intercambistas e professores em formação, possibilitando-lhes práticas interacionais e trocas de experiências socioculturais. Durante as Rodas, eram comuns as negociações de sentido entre mediadores e participantes. Este trabalho tem por objetivo analisar algumas dessas negociações. Como aporte teórico, adotam-se aspectos da Análise da Conversação. A metodologia é qualitativa, de caráter indutivo. Como corpus foram selecionados dois momentos da interação entre mediadores e participantes de uma Roda de Conversa de PLE. Ao se analisar esses trechos, demonstra-se que a Roda de Conversa promove um ambiente de aprendizagem mútuo, permitindo interações significativas e aprendizados culturais, além de possibilitar aos participantes o conhecimento e o domínio dos usos próprios da língua portuguesa.

Palavras-chave: Interação. Análise da Conversação. Negociação de sentido. Rodas de Conversa. Português Língua Estrangeira.

Abstract: The Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (CEPESLI) has developed a project called "*Rodas de Conversa*", thinking about the linguistic diversities between the Portuguese and Spanish languages and aiming at the internationalization of the Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). This project was subdivided into three parts, one of them focused on work with Portuguese Foreign Language (PLE). The PLE was intended to promote mediated conversations between exchange students and teachers in training, enabling them to interact and exchange socio-cultural experiences. During the *Rodas* negotiations of meaning between mediators and participants were common. This paper aims to analyze some of these negotiations. As a theoretical contribution, they adopt aspects of the Analysis of the Conversation. The methodology is qualitative, with an inductive character. As corpus, two moments of the interaction between mediators and participants of a PLE *Rodas de Conversa* were selected. When analyzing these excerpts, it is demonstrated that the *Rodas de Conversa* promotes a mutual learning environment, allowing significant interactions and cultural learning, as well as allowing the participants the knowledge and mastery of the own uses of the Portuguese language.

Keywords: Interaction. Analysis of the Conversation. Negotiation of meaning. Rodas de Conversa. Portuguese Foreign Language.

¹ Professor Doutor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS, Brasil, gil.negreiros@ufsm.br

² Aluna de mestrado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS, Brasil, akf.esp@gmail.com

Introdução

Desde os primeiros momentos de nossas vidas, encontramos-nos expostos à oralidade e é por meio dessa prática que desenvolvemos os processos de produção do texto oral (MARCUSCHI, 2001). Para Vygotsky (1991), é no encontro entre fala e atividade prática o momento de maior significância para o desenvolvimento de aprendizagem. A partir dessas afirmações, podemos notar que a oralidade é um ponto crucial no desenvolvimento social humano.

Para tanto, compreender as relações estabelecidas por meio dos processos de produção do texto oral é de extrema importância para entender também como o homem posiciona-se como ser social diante de uma determinada comunidade. Nesse viés, como afirmam estudiosos como Vygotsky (1991), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Marcuschi (2007), Leite (2012) e Negreiros e Vilas Boas (2017), o estudo da oralidade deve ser trabalhado também em ambiente escolar.

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), ao trabalhar com a linguagem oral, é necessário pensar em aspectos pedagógicos, psicológicos e linguísticos que poderão influenciar o estudante ao longo de seu processo de aprendizagem. Sendo que, ao final do processo, o discente deve ser capaz de dominar a língua em situações diversas da vida cotidiana, tendo a oportunidade de melhor manejar diferentes situações e ser capaz de estabelecer relações conscientes e voluntárias entre suas escolhas lexicais e prosódicas a cada contexto³ em que estiver inserido.

Nesse sentido, Scheneuwly (2004) afirma que aprender a comunicar é um processo complexo que envolve inúmeras capacidades. Para o ensino da comunicação oral, o teórico postula que o melhor caminho é por meio do estudo de gêneros textuais.

Em outras palavras, o trabalho com a oralidade exige que os participantes da conversação tenham um bom manejo da linguagem, bem como a compreensão da situação discursiva em que se encontram inseridos. Dessa forma, podemos entender que a interação oral se baseia em um sistema de negociação de sentidos que está relacionado tanto ao conhecimento de língua como aos aspectos culturais do ambiente em que ocorre a conversação.

Nesse viés, podemos enfatizar a importância de trabalhar a oralidade também em Língua Estrangeira (LE)⁴. Isso porque, ao pensarmos no ensino de LE, devemos entender que, ao encontrar-se em meio a uma nova cultura, o estudante está exposto a

³ Aqui, “contexto” refere-se exclusivamente ao ambiente em que o aprendiz se encontra inserido no momento de enunciação.

⁴ Neste trabalho utilizaremos indistintamente os conceitos de Língua Materna/Língua Estrangeira e Língua Primeira/Língua Segunda.

um novo sistema de códigos linguísticos e culturais que precisa dominar para se inserir dentro da determinada comunidade. Rodrigo (2010) afirma que muitos estudantes acreditam que o intercâmbio é uma possível solução para aprender de forma mais rápida e/ou eficiente uma LE. No entanto, a teórica enfatiza que apenas estar imerso em um outro país não é o suficiente para que se aprenda ou se desenvolva o idioma estrangeiro.

A referida autora explica que outros fatores intrínsecos (abertura para romper paradigmas, aprender a cultura alheia, postura com relação ao idioma, etc.) e extrínsecos (*imput, feedback*, instrução formal) ao indivíduo são fundamentais para que ocorra um avanço satisfatório no aprendizado. Nesse sentido, Marcuschi (2007) afirma que o desempenho linguístico permite ao falante inserir-se na prática social cotidiana e, a partir disso, construir sua identidade perante a comunidade em que se encontra.

Assim, podemos afirmar que o domínio e manejo da oralidade é de fundamental importância tanto para falantes de Língua Materna (LM) como de LE e que o estudo da língua oral é de extrema importância. Para tanto, tendo em vista a importância da comunicação oral e pensando na internacionalização da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que semestralmente recebe estudantes estrangeiros em situação de intercâmbio acadêmico, o Centro de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras Instrumentais (CEPESLI) elaborou um curso com o objetivo de auxiliar os intercambistas durante sua estadia na cidade de Santa Maria.

O curso, nomeado de “Rodas de Conversa em Português Língua Estrangeira (PLE)” fazia parte do projeto “Rodas de Conversa” que eram ofertadas nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa (PLE), semanalmente, com a duração de uma hora cada. Alternando entre dever e lazer, as Rodas eram constituídas por dois mediadores (professores em formação) e até oito participantes que interagem sobre assuntos variados pré-estipulados pelos mediadores.

Nas Rodas, as conversas eram de caráter informal, mas também havia momentos em que os mediadores se faziam presentes como organizadores dos discursos, auxiliando e colaborando na compreensão e na elaboração das estruturas do idioma estrangeiro. Sendo assim, entender a relação entre mediadores e participantes era uma importante reflexão a ser pensada dentro da Roda de Conversa.

Visando a importância da reflexão do trabalho de professores em formação e do reflexo do aprendizado da LE, analisamos, neste artigo, como eram realizadas as negociações de sentido estabelecidas entre falantes de LM (mediadores) e LE (participantes) durante a Roda de PLE.

Para tanto, tomou-se como base a teoria da Análise da Conversação, a partir de Marcuschi (2007), para pautar a análise de dois momentos de interação nos quais foram possíveis identificar negociações de sentido entre os sujeitos. Os trechos fazem parte da gravação de uma Roda, com duração de uma hora na qual o tema escolhido para fomentar a conversação foram expressões linguísticas. A metodologia adotada é a qualitativa, de caráter indutivo no tratamento de dados.

Rodas de Conversa em Português Língua Estrangeira

Tendo em mente a importância da língua, podemos afirmar que, ao usá-la, inscrevemo-nos de uma determinada forma no mundo. Como apontado por diversos autores (Ortiz Alvez, 2004; Carmolinda Alcaraz, 2005; Goettenauer, 2005; Sedycias, 2005; Vilaça, 2010; Lima, 2012), o avanço da globalização também influencia o comportamento linguístico das pessoas. Dessa maneira, a era da tecnologia é um dos fatores responsáveis por provocar modificações políticas, sociais e linguísticas.

Assim, atualmente, como enfatiza Ortiz Alvez (2004), somos capazes não apenas de ter acesso fácil a informações de vários lugares do mundo, mas também temos a possibilidade de vivenciar experiências no exterior, sejam elas para fins de trabalho, lazer ou estudo. Em especial, países de fronteira oferecem uma maior possibilidade de deslocamento devido a sua posição geográfica. No caso do Brasil, a existência do Mercosul, da proximidade geográfica e de programas estudantis de intercâmbio permitem que grande quantidade de alunos hispano-falantes acessem o país todos os anos.

Visando, então, criar oportunidades para um primeiro contato formal com o idioma português, o CEPESLI, da UFSM, elaborou um projeto intitulado “Destino: UFSM”. Esse curso tinha como objetivo auxiliar os estudantes intercambistas em seus primeiros momentos de imersão na cidade de Santa Maria.

Para tanto, o curso, elaborado entre os anos de 2013 e 2014 e com primeira edição em 2015, possuía caráter instrumental, contando com um total de 40 horas, divididas igualmente entre presenciais e atividades a distância. O período de realização do curso sempre ocorria em uma semana antes do início do semestre letivo da UFSM. Isso foi pensado tendo em vista que não haveria problemas de conflitos de horários para que os estudantes frequentassem os encontros, permitindo aos alunos uma maior familiarização dos intercambistas para com algumas das características do português oral em uso.

Entendendo que, como o apontado pelos estudos de Roger (2010), a instrução formal continuada potencializa o aprendizado do aluno em situação de imersão, o CEPESLI passou a ofertar, além de Rodas de Conversa em língua espanhola e em língua Inglesa, também a “Roda de Conversa em Português Língua Estrangeira (PLE)”. Como caracterizam Marchesan, Prochnow e Vieira (2015), a Roda de Conversa é um “projeto que oportuniza a prática oral em língua estrangeira, combinando a espontaneidade da conversação e o cuidado com a aprendizagem característica do Ensino”.

Segundo as autoras, o próprio nome “Rodas de Conversa” tem inspiração na prática tradicional gaúcha de sentar-se em Roda para tomar chimarrão e conversar sobre variados assuntos. Desse modo, inspirados na cultura local, as Rodas aconteciam semanalmente em uma das salas do CEPESLI, buscando oferecer um espaço de conforto e receptividade aos participantes para a prática da língua estrangeira.

Logo, como afirmam as autoras, o propósito da Roda “é de estimular a prática oral, permitindo o desenvolvimento de aspectos linguísticos e culturais através de interações face-a-face”, com o pretexto de promover interações entre mediadores e participantes. Para tanto, houve uma modificação do espaço físico da sala onde acontecia a Roda. No lugar da sala de aula tradicional, com classes individuais, optou-se por uma mesa redonda, onde os participantes estariam em contato visual constante durante a conversação.

Buscando um melhor funcionamento da Roda, que possuía duração de uma hora, foi estipulado um número máximo de oito participantes por semana para que assim, todos pudessem ter a oportunidade de falar. Com relação ao material utilizado para fomentar as discussões, eram trazidos textos, vídeos ou imagens, selecionados previamente às aulas e buscavam abordar temas comuns aos participantes.

Conforme Marchesan, Prochnow e Vieira (2015), a Roda tinha o caráter de dever e o caráter de lazer. O primeiro era constituído por meio da preparação e elaboração do material por parte dos mediadores e pela presença dos participantes. Já o segundo era construído a partir da tentativa de construção de diálogos mais simétricos, nos quais os participantes também fossem responsáveis pela interação.

Por fim, a Roda de Conversa encontrava-se estruturada para atingir o objetivo central de proporcionar uma fala-em-interação mais próxima do cotidiano, visando uma melhor fluidez nas conversações espontâneas por parte de seus participantes. Assim, o foco no assunto e na compreensão se sobressaia à forma do falar de cada um, dando ênfase ao espaço da prática conversacional.

Conversação e negociação de sentido

Para o presente trabalho, utilizaram-se os pressupostos da Análise da Conversação, baseados principalmente em Marcuschi (2007). De acordo com o autor, existem ao menos três pontos que justificam o estudo da análise da conversação, que são: a) a compreensão de que é por meio da fala que estabelecemos grande parte da nossa prática social; b) o modo como manejamos e nos expressamos por meio da língua é responsável por gerar imagens/identidades sociais a nosso respeito; e c) o fato de a conversação ser uma atividade complexa que vai muito além da simples composição de enunciados.

Conforme Leite (2012), a partir de perspectiva da teoria de gêneros, a conversação é uma interação que ocorre em um determinado momento em que dois ou mais indivíduos devem compartilhar a temática proposta. O desconhecimento do gênero, posto em pauta por parte de um dos participantes, tem maior tendência de levar a conversação a falhas. Com relação à interação, a autora afirma que

O fenômeno da interação constrói conhecimento, pois o ato de enunciar exige do sujeito, de um lado, que se aproprie de conhecimentos linguísticos e discursivos já postos no mundo por outro e, de outro, permite que ele interfira no processo de apropriação, mesmo que imperceptivelmente. (LEITE, 2012, p. 232)

Para tanto, com o desconhecimento de um determinado gênero, o interlocutor pode não estar preparado de maneira adequada para participar do discurso, ocasionando as falhas de compreensão.

Com relação à interação no discurso, Marcuschi (2007) também ressalta a natureza dialógica da linguagem, isto é, a necessidade da interação entre enunciatador e enunciatário para a construção de turnos, onde se encontram significados para as diferentes enunciações e comportamentos. Assim, o autor expõe cinco características básicas constitutivas da conversação, a saber:

1) interação entre pelo menos dois falantes; 2) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; 3) presença de uma sequência de ações coordenadas; 4) execução numa identidade temporal; e 5) envolvimento numa interação centrada. (MARCUSCHI, 2007, p. 15)

Contudo, como lembra Dolz e Schneuwly (2004) e também o próprio Marcuschi (2007), a conversação, apesar de possuir uma sequência coordenada de regras para seu funcionamento, não ocorre desta forma linear.

Assim, encontram-se na conversação dois tipos de discursos de acordo com Marcuschi (2007), a saber, assimétricos e simétricos. Os diálogos assimétricos ocorrem nas situações em que há uma relação diferenciada entre os participantes. Nesse caso, é incumbido a um dos participantes do diálogo as tarefas de iniciar, orientar, dirigir e concluir a Roda de conversa.

Já os diálogos simétricos são marcados pela participação igualitária de todos os participantes. Ou seja, todos têm um domínio simétrico da conversação, possuindo o mesmo direito à autoescolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo. No entanto, segundo Marcuschi (2007), são poucos os diálogos simétricos, uma vez que é comum algum dos participantes da conversação ter maior domínio do discurso que o outro.

Buscando caracterizar a Roda de conversa de PLE dentro dos parâmetros propostos pelo autor, entendemos que a mesma pode possuir diálogos assimétricos e simétricos. Assim, por um lado, pode-se atribuir um caráter assimétrico na relação dos diálogos estabelecidos, ao contar com dois mediadores que possuem a função de propor um tema, auxiliar aos demais participantes com a dificuldade na LE e contribuir para a fluidez da conversação.

Por outro lado, o ambiente também proporciona a autonomia do participante, permitindo que ele não apenas interaja como um sujeito passivo, mas também ativo na conversação, sendo responsável por levantar questionamentos, problematizações e propiciar discussões para as pautas da conversa. Ao colocar-se dessa maneira, o participante também se vale de sua experiência cultural e de conhecimentos gerais para contribuir com a fluidez da conversação, proporcionando desse modo características de um diálogo simétrico para a Roda.

Nesse sentido, as Rodas têm como proposta ser um espaço de conversação real em LE. Em outras palavras, mesmo que se apresente uma proposta de tema para a conversação, as falas são espontâneas, produzidas intuitivamente pelos alunos dado seu conhecimento prévio da LE. Afirmar-se isso, pois, de acordo com Marcuschi (2007) as falas espontâneas advêm das decisões interpretativas contextuais e semânticas mutuamente construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais.

Assim, na Roda de Conversa, busca-se a adequação da fala, em outras palavras, busca-se criar um espaço em que o aluno possa exercer sua prática oral de acordo com o

que se fala e não com o que se escreve. Desse modo, conforme Dolz e Schneuwly (2004) a linguagem que se busca fomentar é a realização da fala espontânea, na qual não estão presentes as normas gramaticais que comumente são vistas na escrita, mas sim as formas em que predominam de modo espontâneo na fala.

Para tanto, a fala que parece desorganizada é, na verdade, doutra de suas próprias regras, permitindo aos participantes da conversa manejarem seu discurso de forma simétrica, organizando as falas de modo que haja compreensão mútua dos discursos. Assim, as negociações de sentido ocorrem de forma ordenada dentro de um sistema linguístico oral.

Essa organização dá-se, segundo Dolz e Schneuwly (2004), por meios paralinguísticos, cinésicos, pela posição dos locutores, pelos aspectos exteriores e pela disposição do espaço físico. Nesse sentido, os autores enfatizam que estes recursos são universais, mas, que cada cultura o maneja de uma determinada forma, submetendo os diferentes planos a variações socioculturais.

Neste trabalho não foram levados em consideração os aspectos citados anteriormente, pois, apesar de serem chaves para a conversação, o *corpus* encontra-se gravado apenas em áudio, impossibilitando uma análise mais aprofundada da comunicação. Também é importante explicitar que, apesar de serem falantes de L2, os estrangeiros participantes das Rodas de Conversa já possuíam um domínio intermediário/avançado da língua portuguesa.

Desse modo, para a análise da conversação, foram tomados também os conceitos referentes ao modo da organização de turnos de fala. Segundo Marcuschi (2007), os turnos de fala podem ser organizados idealmente com cada locutor obedecendo seu turno, o que, muitas vezes, não ocorre em conversas espontâneas, como explicam Dolz e Schneuwly (2004).

Conforme Marcuschi, a tomada de turno pode ocorrer por dois modos: no primeiro, o locutor escolhe quem terá o próximo turno e dirige a fala a este e no segundo, ocorre a autoescolha por parte de um dos participantes da fala, que toma o turno por si próprio. O autor ainda expõe que comumente ocorrem falas simultâneas e sobreposições durante uma conversação. Tais mecanismos são cruciais na organização do discurso, pois podem desestabilizar o discurso.

Com relação à estabilidade do discurso, Leite (2012) discorre que a oralidade exige perspicácia para a compreensão entre os participantes. O discurso, para a autora, “é um “baú” que abriga aspectos psicológicos, sociais, cognitivos e culturais de todos os

envolvidos nas interação” (LEITE, 2012, p. 117). Assim, é a partir das inferências que se fazem no discurso que um falante situa-se no mesmo.

Portanto, ao compreender os fenômenos que compõem um determinado discurso, é possível inferir determinados aspectos esperados que são responsáveis por manter estável a conversação. Ao contrário, quando o assunto foge daquilo que o falante espera, pode haver algum tipo de turbulência na conversação.

Essas turbulências no discurso podem causar pausas e hesitações. Segundo Marcuschi (2007), as hesitações são momentos em que o falante usa para pedir socorro, reorganizar, planejar ou situar-se no texto. Podemos identificar as hesitações comumente pelas aparições de sons não lexicalizados (ã, eh). As pausas possuem funções similares e, bem como as hesitações, podem causar a perda do turno de fala para o outro participante.

Assim, as hesitações ou as pausas podem servir para correções ou reparações próprias. No entanto, estes mecanismos são comumente realizados também por outros participantes do discurso. Para Marcuschi (2007), as correções podem ser de quatro tipos: autocorreção autoiniciada; autocorreção iniciada pelo outro; correção pelo outro e auto-iniciada; e correção pelo outro iniciada pelo outro.

Não menos importante que a organização dos turnos de fala são as organizações das sequências. Para Marcuschi, as sequências são formadas por pares adjacentes que servem para organizar o discurso. Como exemplo, o autor cita algumas possibilidades, dentre as quais analisaremos em nosso trabalho três, a saber, pergunta-resposta; ordem-execução; convite-aceitação/recusa.

Por fim, pensando nas diferentes formas como ocorre o discurso e compreendendo que toda interação requer dos participantes uma negociação dos sentidos presentes, entendemos a importância de realizar uma análise de uma Roda.

Aspectos metodológicos

As Rodas de Português Língua Estrangeira eram coordenadas por dois mediadores, sendo um deles graduando do curso de Letras Espanhol e o outro formado em Letras Espanhol e mestrando em Linguística Aplicada. Ambos os mediadores já possuíam experiência com o ensino de português para estrangeiros, já havendo atuado em diferentes cursos de PLE.

Os mediadores também já haviam atuado conjuntamente na elaboração e execução de cursos de PLE para hispano-falantes. Um dos cursos foi o “Destino: UFSM”, que teve sua primeira edição no primeiro semestre de 2015 para um grupo de

sete alunos hispano-falantes (cinco colombianos, um peruano e um chileno) que haviam ingressado na UFSM como bolsistas de mestrado em diferentes áreas.

Dos sete alunos que participaram do curso, cinco eram integrantes frequentes das Rodas de PLE desde o final do “Destino: UFSM” e um deles participava esporadicamente de algumas Rodas. Em sua grande maioria, os participantes mantinham contatos frequentes entre si, interagindo em horários alternos às aulas. No entanto, apenas dois participantes moravam juntos, sendo que os demais dividiam residência com brasileiros.

Segundo relatos, em Rodas anteriores, os participantes que moravam com brasileiros usavam, em casa, a língua portuguesa como idioma principal. Assim, o contato com o idioma ocorria nas instâncias formal (contato com professores, escrita acadêmica, palestras, etc.) e informal (contato com os colegas de apartamento e de faculdade, amigos, etc.). Em virtude dessa convivência com o português, muitas vezes as Rodas serviam também para tirar dúvidas sobre palavras ou experiências com as quais os participantes se deparavam em seu dia a dia.

Para este trabalho, foi analisada uma Roda de PLE ocorrida no dia 27 de Agosto de 2015, na qual estiveram presentes quatro participantes, de duas nacionalidades diferentes (três eram de nacionalidade colombiana e um peruana), além dos mediadores.

Devido ao tempo de imersão dos sujeitos e ao domínio da língua portuguesa, o tema da Roda foi selecionado visando expressões informais. Tal escolha foi realizada pensando em oferecer um suporte aos participantes ao entrarem em ambientes informais já que o gênero oral não obedece a uma regra formal na conversação cotidiana.

Para a composição do material utilizado para fomentar a discussão desta Roda, foram utilizadas imagens retiradas da internet que compõem o livro “Pequeno Dicionário Ilustrado de Expressões Idiomáticas”, de Ballardin e Zocchio⁵. As imagens apresentam interpretações dos fotógrafos sobre expressões idiomáticas brasileiras que são comumente utilizadas no cotidiano como, por exemplo, “sem pé nem cabeça” e “acertar na mosca”.

Para a organização do *corpus*, utilizaram-se as normas de transcrição utilizadas pelo NURC -SP, disponível em Preti (1999, p. 11-12).

Para a análise, selecionou-se como *corpus* dois momentos de interação (nomeados como trecho A e trecho B), nos quais foram identificadas negociações de sentido entre mediadores e participantes e entre os próprios participantes. Os trechos

⁵ As imagens foram retiradas de OLIVER, M. 25 expressões populares brasileiras conhecidas por você e demonstradas em imagens. Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/25-expressoes-populares-brasileiras-conhecidas-por-voce-e-demonstradas-em-imagens/>. Acessado em: 31/03/2018.

foram transcritos em dois momentos diferentes, o que explica o fato de que as linhas, em ambos os trechos, são numeradas a partir do número 1.

Preferiu-se, para a identificação dos participantes, a utilização de letras no lugar de nomes. Assim, o mediador com maior experiência e grau de instrução foi denominado M1 e o segundo mediador, com menor experiência e grau de instrução, encontra-se como M2. Para os demais participantes, utilizaram-se letras do alfabeto, sendo elas L, O, S, W.

As discussões na Roda de Conversa: a busca interacional por meio da negociação de sentidos

Nos trechos analisados foram levados em consideração não apenas o trabalho com as expressões linguísticas escolhidas, mas, também, a interação no idioma estrangeiro como um todo. Assim, o primeiro trecho não faz referência exclusiva a uma negociação de sentidos de expressões, mas sim, faz parte de uma conversação que poderia facilmente ser atribuída a um discurso oral cotidiano. O trecho ocorreu no início da Roda em um dos momentos de descontração no qual um dos participantes (L) após uma pausa prolongada na conversa toma o turno de fala e insere um novo assunto.

Trecho A

- 1 M1 (...) a gente fez... eu criei o laboratório de churros
L fizeram churros hoje? Hoje?
S cara quinze dias
M1 e o nosso né? Só conta
- 5 []
L que nem aula passada.. só conta
[]
M1 Só estou contando
W ((repete)) só estou contando
- 10 L pare de contar
não vou contar mais
((risos))
M2 sabe que aqui o famoso destino do churrasco depois que ele passa é virar picadinho...
uma tábua de picadinho aqui ia bem aqui na Roda patrocinada pelo L
- 15 S []
legal
[]
L tá..vá ((deboche))
S vocês não chamam não chamam de .. como foi que falou X? picadinho?
- 20 L não esse era com.. com arroz
M1 [carreteiro
L Carreteiro
M1 sim se faz careteiro também..
M2 si::m
- 25 M1 com a carne do churrasco que sobra pica e faz com arroz
W carreteiro de quê?
L de puta
((risos e falas sobrepostas))
M2 sim o puchero

30 S ()
L carreteiro de puta
((falas sobrepostas))
M2 isso é muito vulgar eu conheço por puchero
W (eu não conheço)
35 S nos falaram isso um final de semana assim
M1 [carreteiro de puta se chama quando é da sobra? Isso?
L [isso
40 M1 [olha
nem conhecia essa expressão
((fala ao fundo))
M2 é mais fácil falar puchero
[
45 S si?
[
M2 menos agressivo gente
[
W a gente quer perguntar podemos hoje... as Rodas:?

Em um primeiro momento, “L” anuncia ter feito churros, momento em que também reformula a fala (l.1). De acordo com Marcuschi, pelo fato de a conversação ocorrer em tempo real, as reformulações são necessárias para melhorar ou deixar o discurso mais claro. No caso, a troca de “a gente fez” por “eu criei” estabelece a afirmação de que apenas L estava cozinhando, no lugar de ele e outras pessoas.

A conversa segue entre L, M1 e S, estabelecendo pares de convite / recusa. Tais pares conversacionais podem ser analisados por meio dos comentários de que L já haveria comentado de suas práticas culinárias antes. Assim, no trecho “e o nosso né? Só conta” (l. 4) S cobra de L que não apenas fale sobre o que cozinha, mas sim que também traga aos demais para experimentarem.

L, ao dizer “só estou contando” (l. 8), retoma a última parte da fala de M1, “que nem aula passada... só conta” (l. 6), para confirmar que sua intenção é apenas expor o que fez e não de trazer comida aos demais. Nesse primeiro momento, ocorre uma negociação sutil entre os participantes que estabelecem critérios para L compreender que os demais querem provar sua comida.

Na sequência, por meio do uso do imperativo “pare” (l. 8) em “pare de contar”, o par conversacional é mudado, dando espaço a um par de ordem e aceitação. Pode-se perceber a aparição do par quando W toma o turno criando um momento de assimetria no discurso, impondo-se diante de L e exigindo que o mesmo pare de comentar sobre comidas que prepara. Por fim, mesmo podendo parecer sério e tenso, o ato conversacional baseia-se em estratégias de descontração entre os participantes, o que pode ser comprovado, por exemplo, pelo fato de os falantes estarem rindo, no final do trecho (l. 10).

Nesse momento, M2 abre espaço para uma nova negociação de sentido na conversa. Seguindo a brincadeira, ele sugere (l. 11 e 12) que L prepare um picadinho para os demais “sabe que aqui o famoso destino do churrasco depois que ele passa é virar picadinho... uma tábua de picadinho aqui ia bem aqui na Roda patrocinada pelo L” (l. 13). Com isso, M2 inicia um novo turno com uma petição/solicitação que é negado por L (l. 14) “tá...vá ((deboche))”. Aproveitando o tópico levantado por M2, S (l. 19) apresenta confusão com relação ao significado da palavra picadinho, confundindo-se com um segundo prato que lhe fora apresentado recentemente: “vocês não chamam não chamam de ..como foi que falou X? picadinho?” .

Por meio do par conversacional de pergunta e resposta estabelecido entre L e S (l. 19 a 22) M1, responde o nome do prato parecendo levar ao fim à negociação de sentido de “carreteiro” (l. 21):

20	S	vocês não chamam não chamam de .. como foi que falou X? picadinho?
	L	não esse era com.. com arroz
	M1	[carreteiro

No entanto, W, por meio da pergunta “carreteiro de quê?” (l. 26), retoma o texto e volta a “negociar o sentido”, mostrando-se com dúvidas em relação à composição do prato. Em seguida, L responde à pergunta de W dando-lhe o nome do prato: “de puta” (l. 27).

A partir do nome que L atribui ao prato, que é “carreteiro de puta”, ocorre uma nova negociação de sentido, desta vez com M2, que avalia o uso da expressão, atribuindo um caráter vulgar ao uso, quando afirma que “isso [carreteiro de puta] é muito vulgar eu conheço por puchero” (l. 33). Nesse caso, W abstém-se da discussão que pode nascer da avaliação, afirmando não conhecer nem o prato, nem a terminologia: “eu não conheço” (l. 34).

Por sua vez, M1 entra em negociação com L, pedindo explicação sobre a terminologia: “carreteiro de puta se chama quando é da sobra? Isso?” (l. 37), e, em seguida, “olha nem conhecia essa expressão” (l. 40), afirmando desconhecer a expressão. A partir da afirmativa de M1, com relação ao desconhecimento da terminologia, M2 diz que “é mais fácil falar puchero” (l. 43) e que é “menos agressivo” (l. 47), avaliando que o uso da palavra “puchero” é preferível em relação à “arroz de puta”.

Assim, o processo interacional, presente no trecho A e descrito aqui, mostra que a Roda de Conversa pode ser uma alternativa eficaz para o ensino da língua portuguesa, mais especificamente, no caso em xeque, para falantes de outras línguas.

Essa eficácia é pautada, sobretudo, pelos processos interacionais intensos, que de certa maneira obrigam os participantes a colocarem em uso recursos prosódicos, lexicais, sintáticos e pragmáticos da língua portuguesa, em tentativas quase que constantes de interagirem bem e de acordo com as regras do grupo.

Trecho B

1 W (...) são pés?
[
S é
[

5 L escrever com os pés
[
M1 é.. podia ser.. mas não é
W cerca y cursivo
M1 não

10 O () com os pés
M1 quase
S o que não faz com las mãos...
(risos)

M1 a O tá mais próxima

15 L o não faz com a mão faz com o pé
S não..o que faz com la
L limpia
S mão estraga com os pés
M1 a O é a que chegou mais perto

20 O aún no sé
L pensa com os pés
O pensa com os pés
M1 que frase é essa L?
(risos)

25 S pensa muito fala as vezes ah:: ele fala com os pés
W não tá pensando
M1 não tá pensando
S para nós
M1 escreve lá M2

30 L só a primeira... letra... porque senão
O trocar as mãos pelas pés pelos
M1 no caso os pés pelas mãos... pela ordem... tradicional
W os pés pelas mãos
S e que sentido pra vocês tem?

35 M1 pois é, eu quero saber o que o que que poderá dizer trocar os pés pelas mãos... a outra
hora eu expliquei antes do tempo mas agora eu não expliquei
L é assim olho por olho
M1 não... esquece isso vingativo ((em tom de brincadeira))
(risos)

40 M2 assim ó...
[
M1 tu é muito vingativo
[
M2 (guarda isso) no fundo do teu coraçãozinho

45 L (muito chato)
M1 o que será que quer dizer
e W trocar os pés pelas mãos

L o que faz mal assim
 W () outro sentido
 50 M2 ((ao fundo)) não seria o ver seria
 M1 repete aí
 L que o cara faz mal as coisas no tem vontade de fazer... é?
 M1 não
 W ah:::: faz sentido
 55 M1 a segunda parte tira fora... a primeira parte só
 L que faz mal... que o que faz faz mal
 M1 fez alguma coisa errada
 M2 é por exemplo
 M1 [confundiu misturou inverteu trocou os pés pelas mãos... tá quando você faz
 60 alguma coisa errada... invertida atrapalhada... confusa o:tu equivocada...
 S entendi

No trecho 2, os participantes discutem sobre uma imagem que apresenta apenas os pés de um homem, segurando uma caneta em cima de uma escrivaninha. A imagem foi apresentada após a discussão da expressão “uma mão lava a outra”, na qual estavam presentes na imagem apenas as mãos de uma pessoa.

A primeira inferência na conversa é realizada por meio de um par conversacional de pergunta e resposta, que se realiza entre os próprios participantes W e S, “são pés” e “é” (l. 1 e 3). Em seguida, L, ao dizer “escrever com os pés” (l. 5), já busca uma possível resposta para o significado da imagem, criando uma nova sequência do par pergunta-resposta que ocorre entre tentativas e erros ao longo das linhas 7 a 14:

M1 é.. podia ser.. mas não é
 W cerca y cursivo
 M1 Não
 10 O () com os pés
 M1 Quase
 S o que não faz com las mãos...
 ((risos))
 M1 a O tá mais próxima

A negociação de sentido da imagem faz com que M1 reformule sua resposta para indicar um caminho para os participantes, indicando que O era quem estava se aproximando do significado, em “a O tá mais próxima” (l. 14). Assim, ao identificar que L dá uma resposta similar à sua, S toma o turno de L e faz uma correção iniciada na linha 15:

15 L o não faz com a mão faz com o pé
 S não..o que faz com la
 L Limpia
 S mão estraga com os pés

Nas linhas 15 a 18, também é visível a sobreposição das falas de L e S. Apesar de S ter iniciado uma correção de L, o mesmo não se dá por conta e segue formulando seu discurso concomitante a S.

M1, ao dizer “a O é a que chegou mais perto” (l. 14), toma o turno e tenta reorganizar o discurso, buscando que os participantes se atentem à pista anterior, mas por meio das respostas dadas é perceptível que sua intenção não resultou exitosa.

A dificuldade em se chegar a um significado da imagem faz com que M1, em “não tá pensando” (l. 27), aproveite-se do comentário de W “não tá pensando” (l. 26) e faça uma heterorrepetição, demonstrando sua insatisfação com as sugestões dadas pelos participantes. Essa insatisfação faz com que M1 solicite a M2 que escreva a expressão para os participantes, indicada no enunciado “escreve lá M2” (l. 29). Nesse instante, M1 é interrompido por uma ação de ordem de L, “só a primeira... letra... porque senão” (l. 30), requerendo que apenas seja escrita a primeira letra da sentença.

M2 escreve algo no quadro, aproximando-se de uma resposta esperada por O, que diz: “trocar as mãos pelos pés pelos” (l. 31). M1 em “no caso os pés pelas mãos... pela ordem... tradicional” (l. 32), ainda faz uma breve correção com relação à ordem sintática da expressão, acrescentando a explicação de que seria a “ordem tradicional”. Na sequência, S questiona o significado da expressão por meio da pergunta “e que sentido pra vocês tem?” (l. 34). Tal pergunta é respondida por M1 com uma nova indagação “pois é, eu quero saber o que o que que poderá dizer trocar os pés pelas mãos... a outra hora eu expliquei antes do tempo mas agora eu não expliquei” (l. 35 e 36).

Em seguida, L, ao dizer “é assim olho por olho” (l. 37), dá a sugestão de um possível significado para a expressão e gera a interpelação de M1 e M2 por meio do par ordem-execução para que deixe de lado tal significação (l. 38 a 44).

	M1	não..esquece isso vingativo ((em tom de brincadeira)) ((risos))
40	M2	assim ó...
	M1	[
		tu é muito vingativo
	M2	[
		(guarda isso) no fundo do teu coraçãozinho

Por fim, L finaliza o par com uma afirmação de insatisfação “(muito chato)”.(l.45)

Ainda buscando que os participantes encontrem um significado para a expressão “trocar os pés pelas mãos”, M1 questiona, ao enunciar “O que será que quer

dizer” (l. 46), fazendo, assim, uma interpelação direta e passando o turno de fala para O, que, ao não se manifestar, abre espaço para a tomada de turno por autoescolha por parte de L, dizendo “o que faz mal assim” (l. 47).

A resposta de L “o que faz mal assim” (l.47) gera o pedido de repetição por M1 em “repete aí” (l. 50), dando indícios de que L havia se aproximado da resposta. Ao repetir, L faz uma reformulação do que havia dito “que o cara faz mal as coisas [significado correto] no tem vontade de fazer [reformulação]” (l. 51) levando a uma nova negociação de sentidos, já que apresentou por um lado o significado adequado e, por outro, uma reformulação inadequada.

Para que se chegasse a um senso comum do significado M1 fala: “a segunda parte tira fora... a primeira parte só” (l. 54), dando uma pista para L, que novamente reformula sua fala, ao usar “que faz mal... que o que faz faz mal” (l. 55), permitindo que M1 e M2 apresentem outras significações/interpretações dadas a expressão (56 a 59)

	M1	fez alguma coisa errada
	M2	é por exemplo
	M1	[confundiu misturou inverteu trocou os pés pelas mãos tá quando
60	M1	você faz alguma coisa errada .. invertida atrapalhada.. confusa o::u
	S	equivocada... entendi

A negociação de sentido neste caso termina com a afirmativa de S, linha 56 “entendi”, dizendo ter compreendido o significado da expressão.

Assim como demonstramos no trecho A, o trecho B aponta para uma troca interativa relevante, em que os participantes precisam manter sempre o controle tópico desenvolvido, buscando, na palavra do outro, a dinâmica necessária para o desenvolvimento do discurso. É no processo interacional, então, que os usos linguísticos ganham sentido, a partir de processos negociativos de ressignificação de expressões.

Considerações finais

Nosso objetivo neste trabalho foi o de analisar como se davam as negociações de sentido durante uma Roda de PLE. Para tanto foram analisados dois trechos de uma Roda de Conversa de PLE em que foram trabalhadas expressões idiomáticas. Foi possível perceber que muitas das negociações de sentido foram realizadas na LE. No entanto, em alguns momentos em que se fez necessário compreender o significado de algumas expressões os participantes recorreram a sua língua materna.

A maioria das negociações de sentido foi realizada através dos pares conversacionais de pergunta e resposta que ocorrem de maneira direta. Isso demonstra que a Roda possui, em grande parte, um discurso simétrico, mesmo sendo realizada em um ambiente formal de aprendizagem, que é a universidade. O processo intenso de troca de falantes constitui, segundo Galembeck (1999, p. 71) “um fato intrínseco à natureza da conversação simétrica”, na qual os interlocutores desenvolvem os assuntos. Dessa forma, segundo o autor, a situação de simetria é caracterizada pela alternância contínua entre os falantes, pois todos os interlocutores participam da construção e desenvolvimento do tópico conversacional, por meio de turnos nucleares, mesmo que curtos.

A troca de turnos se dá, muitas das vezes, pela não compreensão de algum significado ou ao se considerar alguma resposta como indevida. Assim, estabelece-se uma negociação por meios de perguntas ou dicas que sugerem aos participantes a que caminho devem seguir. No caso das expressões idiomáticas, os mediadores avaliam o processo de compreensão por parte dos alunos, por meio da solicitação da criação de algum enunciado. Essa estratégia de solicitar uma frase permitiu aos mediadores confirmarem se a negociação de sentido foi bem-sucedida ou ainda apresentavam falhas, e necessitavam uma nova negociação de sentidos. Além disso, essa forma dá um caráter assimétrico à conversação, tendo em vista os papéis sociais dos interlocutores.

Outros fenômenos encontrados durante as negociações de sentido foram os pares de convite-aceitação/negação e ordem-execução, ocorrendo principalmente durante brincadeiras entre os integrantes da Roda. A presença desses pares em sequências informais, bem como a orientação da conversa em variados momentos pelos participantes, demonstra que há forte presença interacional no discurso nas Rodas, permitindo que a atividade interacional cumpra seu objetivo de ao mesmo tempo oferecer um ambiente formal e informal de aprendizagem.

Por fim, mesmo considerando os limites deste artigo, podemos observar que a Roda possibilita também, uma troca cultural entre os integrantes. Ao longo das negociações de sentido, não somente o conhecimento dos mediadores é valorado, como também se possibilita uma troca cultural de conhecimentos. Por conseguinte, as atividades desenvolvidas na Roda possuem por característica intrínseca o dinamismo, resultante da proximidade entre os interlocutores. Esse dinamismo ocorre nas relações entre os participantes e na possibilidade de todos adotarem, em determinado momento, o papel de falantes. Além disso, o dinamismo ocorre também na participação de cada

interlocutor, que deve sustentar o turno e gerenciar, nos processos interacionais, os planejamentos e as reformulações a partir do uso da língua portuguesa.

Referências

CARMOLINGA ALCARAZ, R. Do português ao espanhol: os prós e os contras da proximidade. IN: SEDYCIAS, J. [org.] O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro. São Paulo: Parábola, 2005, p. 195 – 205.

DOLZ, J., NOVERRAZ, M., SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2004, p. 81 – 108.

DOLZ, J., SCHNEUWLY, B., HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2004, p. 125 – 158.

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI D. (org) O discurso oral culto. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2), p. 55-79.

GOETTENAUER, E. Espanhol: língua de encontros. IN: SEDYCIAS, J. [org.] O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro. São Paulo: Parábola, 2005, p. 61 – 70.

LEITE, M., Q. Interação, texto falado e discurso. In: BRAIT, B., SOUSA-E-SILVA, M., C., Texto ou discurso? São Paulo: Contexto, 2012, p.217 – 234.

MARCHESAN, M. T. N., PROCHNOW, A. L., VIEIRA, A. N. G. Rodas de conversa em PLE: entre o dever e o lazer, 2015 (no prelo).

MARCUSCHI, L. A. Análise da Conversação. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

NEGREIROS, G., VILAS BOAS, G. A oralidade na escola: um (longo) percurso a ser rilhado. In: Revista Letras, v. 27, n. 54, 2017, p. 115 – 126. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/29573>. Acessado em 10 de novembro de 2017.

ORTIZ ÁLVAREZ, M. L. Ensino de línguas próximas, isso são outros quinhentos: a questão das expressões idiomáticas nas aulas de LE. In: TROUCHE, A. L. G. e PARAQUETT, M. (Orgs.) Formas & Linguagens: Tecendo o Hispanismo no Brasil. Rio de Janeiro: CCLS PublishingHouse, 2004.

PRETI D. (org) O discurso oral culto. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2).

RODRIGO, V. Contextos de instrucción y su efecto em la comprensión auditiva y los juicios gramaticales: ¿Son comparables cinco semanas en el extranjero a un semestre en casa? IN: Revista *Hispania*, vol. 94, No. 3, set. 2011, p. 502-513.

SCHNEUWLY, B. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2004, p. 109 – 124.

SEDYCIAS, J. Por que os brasileiros devem aprender espanhol? IN: SEDYCIAS, J. [org.] O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro. São Paulo: Parábola, 2005, p. 35 – 44.

VILAÇA, M. L. C. A importância de pesquisas em estratégias de aprendizagem no ensino de línguas estrangeiras. In: XIV congresso nacional de linguística e filologia, Rio de Janeiro, 2010, p. 208 – 220. Disponível em http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/208-220.pdf. Acesso em 08 de novembro de 2017.

VYGOSTKY, L. S. A formação social da mente. Livraria Martins Fontes Editora: São Paulo, 1991, 4. ed. Disponível em: <http://www.finom.edu.br/cursos/arquivos/2017822204529.pdf>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

Artigo recebido em: 31/03/2018.

Artigo aceito em: 03/07/2018.

Artigo publicado em: 02/08/2018.